

AMIGAS INSEPARÁVEIS

Rita e Ruth eram amigas inseparáveis, uma amizade profunda que se estabeleceu às primeiras interações entre elas no intervalo das aulas da escola em que lecionavam. Tinham os mesmos gostos, gostavam das mesmas músicas e dos mesmos artistas, das mesmas comidas e das mesmas sobremesas. Na cidade, onde possuíam um extenso rol de amizades, todos diziam que Rita e Ruth eram “almas gêmeas”, se é que isso existe mesmo.

Em uma das férias escolares viajaram juntas à Bahia. Conheceram o Pelourinho, cercado de encantadoras construções coloniais, fizeram orações de louvor e agradecimento em diversas igrejas do Centro Histórico, sempre cheio de turistas, e até subiram, compungidamente, as escadarias da famosa Igreja do Bonfim, as duas com aquela fitinha colorida presa nos pulsos. Também visitaram as belas praias de Salvador, ornadas com elegantes palmeiras que balançam ao vento, e até experimentaram a típica e apreciada culinária baiana.

A aposentadoria e os primeiros cabelos brancos não lhes arrefeceram a vontade de viajar e conhecer novos lugares. Assim é que não se importaram em usar as economias, feitas com bastante sacrifício, para conhecer o badalado Pantanal matogrossense. Encantaram-se, então, com a profusão de pássaros, araras multicoloridas, ararinhas azuis, papagaios, tucanos e muitos outros. Viram, próximos a um pequeno curso d'água, os caimãs, ou seja, os jacarés ao sol, que mais pareciam estátuas de pedra. O guia ainda mostrou-lhes, de manhã, na terra ainda úmida, as pegadas de onça próximas da pousada onde estavam hospedadas.

No tempo em que o novo projeto era visitar a Europa, Paris principalmente, com a famosa Torre Eiffel, seu cartão postal, além de outras conhecidas atrações, estourou em Ruth, em meio às pequenas mazelas próprias da idade, uma doença bastante grave que lhes obstou, ao menos temporariamente, o sonho da viagem internacional. Teve início, então, a via sacra das idas e vindas a especialistas e aos pesados tratamentos, como a radiação e a

quimioterapia, preconizados para debelar o mal. A princípio pareceu que a doença havia sido vencida, restando apenas, como amarga lembrança, os cabelos brancos que Rita havia cedido à amiga para confecção de uma peruca. Voltando tudo ao normal, chegaram a planejar de novo as economias para a pretendida viagem internacional.

Mas, como bem diz o dito popular, “o homem põe e Deus dispõe”, em pouco tempo a doença voltou, mais feroz e invasiva, e aos poucos foi tomando todo o corpo de Ruth, que logo não conseguia nem mais andar. Foram inúteis todas as tentativas de frear o mal e garantir-lhe uma sobrevida maior. Em poucos meses ela tornou-se um arremedo da mulher saudável que sempre fora, emagreceu a ponto de parecer cadavérica ainda em vida, enfim, ninguém duvidava que vivia seus últimos dias antes de regressar ao plano espiritual.

Então aconteceu um fato insólito, que dá muito o que pensar, mas que já ocorreu com outras pessoas. Em madrugada de noite escura e chuvosa, malmente passava das três horas, sua amiga Rita, que morava no mesmo bairro a poucos quarteirões de distância, acordou aos gritos, assustadíssima, a ponto de despertar a irmã que dormia em aposento contíguo. “Ruth esteve aqui para despedir-se de mim, dizendo que nos encontraríamos novamente no mundo espiritual”, afirmou.

Exatamente à mesma hora em que, para tristeza da família e dos amigos, a inseparável amiga veio a falecer, como Rita pôde confirmar logo de manhã. Só lhe restou, então, chorar grossas lágrimas de profunda tristeza...

Viganó
darly.vigano@gmail.com